

**PERCEPÇÃO DE MORADORES DE UM BAIRRO DE GRANDE
VULNERABILIDADE DA GRANDE VITÓRIA SOBRE OS IMPACTOS DA
VIOLÊNCIA EM SEU COTIDIANO**

**PERCEPTION OF RESIDENTS OF A VERY VULNERABLE
NEIGHBORHOOD IN GRANDE VITÓRIA ON THE IMPACTS OF VIOLENCE
IN THEIR EVERYDAY LIFE**

Djonatan Pires Santos¹

Andréa Campos Romanholi²

RESUMO:

Este artigo apresenta o relato de uma pesquisa realizada com o objetivo de entender as percepções de moradores de bairros periféricos sobre os impactos da violência em seu cotidiano. A pesquisa utilizou como metodologia a realização de dois grupos focais com a participação de 10 a 15 alunos maiores de dezoito anos de um projeto social de jiu-jitsu de um bairro de grande vulnerabilidade da grande Vitória. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória.

Os resultados mostram que as críticas ao clima de insegurança nas favelas são dirigidas tanto à presença policial quanto à incidência de crimes violentos. Em relação a este último aspecto, os residentes frequentemente mencionam a disparidade de poder e os perigos envolvidos, que os impedem de enfrentar esses desafios de forma aberta, além da necessidade de convivência forçada no mesmo espaço territorial.

Palavras-chave: Violência; Periferia; Favelas; Vulnerabilidade.

ABSTRACT:

This article presents the report of a research carried out with the objective of understanding the perceptions of residents of peripheral neighborhoods about the impacts of violence on their daily lives. The research used as a methodology the realization of two focus groups with the participation of 10 to 15 students over eighteen years of age from a social jiu-jitsu project in a neighborhood of great vulnerability in Greater Vitória. This is a qualitative and exploratory research.

The results show that criticism of the climate of insecurity in the favelas is directed at both the police presence and the incidence of violent crime. In relation to this last

¹ Unisales Centro Universitário Salesiano. Vitória/Es, Brasil.

² Unisales. Vitória/ES, Brasil. aromanholi@souunisales.com

aspect, residents often mention the disparity of power and the dangers involved, which prevent them from facing these challenges openly, in addition to the need for forced coexistence in the same territorial space.

Keywords: Violence; Periphery; Slums; Vulnerability.

1 INTRODUÇÃO

As favelas têm origem na ocupação de áreas naturais desvalorizadas e são caracterizadas por abrigarem pessoas de baixa renda, população carente que, por não possuir condições para comprar ou alugar terrenos e casas em áreas centrais, passou a se instalar e construir as suas moradias em encostas de morros e outros terrenos de risco, muitos deles irregulares, e com infraestrutura básica precária ou inexistente (Queiroz Filho, 2011).

As favelas possuem uma vasta cultura, o que acaba sendo alvo de diversos estudos. O aspecto cultural das favelas as tem tornado, também, pontos turísticos para turistas nacionais e também estrangeiros (Freire-Medeiros, 2015). No território também estão entrelaçadas à criminalidade, o que as torna alvo do controle interno e paralelo de organizações criminosas, principalmente as ligadas ao tráfico de drogas. E, em função de combater essas facções que governam as favelas, o Estado, como intervenção, aplica operações, confrontos policiais nesses territórios (Silva, 2010).

Em uma pesquisa sobre a saúde mental dos moradores das 16 favelas da Maré, além de se obter o perfil da população, com informações sobre educação, cor, ocupação, renda, hábitos culturais e religião, encontram-se importantes informações sobre a exposição desses a situações violentas. A pesquisa foi realizada com 1.411 moradores adultos e mostra que pessoas em situação de violência são mais vulneráveis ao sofrimento mental. Do que foi referido pelos próprios moradores, 19,5% referiu ter algum problema de saúde mental nos três meses anteriores à pesquisa, incluindo episódios depressivos (26,6%) e ansiedade (25,5%) como sendo as desordens mentais mais comumente identificadas na população pesquisada. Os dados também apontam que o medo de ter alguém próximo atingido por uma arma de fogo afeta 71% da população do Conjunto de Favelas da Maré, na Zona Norte do Rio (Silva e Heritage, 2021).

Pode-se considerar que situação semelhante tende a ocorrer em bairros periféricos em outros municípios, por lidarem com problemas semelhantes. Portanto, a presente pesquisa trabalhou esta temática em um município da Grande Vitória, buscando ter uma visão panorâmica dessa realidade vivenciada por cidadãos que vêm sendo reféns da insegurança, medo e violência.

O trabalho teve como objetivo geral investigar as percepções da violência no cotidiano de moradores de um bairro de grande vulnerabilidade de Vitória. E, para alcançar o objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1. Investigar se há e quais as mudanças provocadas em sua rotina em função das situações de violência e 2. Analisar possíveis impactos emocionais e sociais na população ao vivenciar situações de violência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Compreendendo o que são as favelas

As favelas têm origem na ocupação de áreas naturais desvalorizadas e são caracterizadas por abrigarem pessoas de baixa renda e com baixa qualidade de vida, com infraestrutura básica precária ou inexistente. As favelas possuem uma vasta cultura, motivo pelo qual são objeto de estudo em diversos artigos (Queiroz Filho, 2011).

Ao longo dos anos, a palavra “favela” e o uso de “favelado” para designar seus moradores foram ganhando uma série de significados pejorativos (Favela ou comunidade, 2022). O termo era, inclusive, uma estratégia para marginalizar as populações periféricas, como se morar na favela desqualificasse seus residentes.

Muitos dos moradores disseram associar o termo “favela” à violência, tráfico de drogas, caos urbano e falta de respeito pelo espaço (Favela ou comunidade, 2022). Quem possui essa percepção normalmente prefere que as áreas sejam rotuladas como ‘comunidades’, transmitindo a ideia de organização e camaradagem, algo que todos afirmam existir nesses lugares.

O próprio governo do Rio de Janeiro parece ter adotado a estratégia de suprimir o termo “favela” (Favela ou comunidade, 2022). A sensação é que a mídia e o poder público promoveram o termo “comunidade” como uma maneira de reduzir o estigma associado às favelas e de tornar os moradores mais integrados à cidade.

De acordo Brasil (2024), o IBGE voltou a utilizar o termo ‘favela’ a partir da divulgação dos resultados das pesquisas e do Censo 2022, abandonando a expressão “aglomerados subnormais” utilizada anteriormente. O nome oficial, de fato, a ser utilizado nas pesquisas passa a ser ‘favelas e comunidades urbanas’, referindo-se a regiões em que as moradias se aglomeram como um conjunto de paredes, lajes e tetos que é único no mundo, formado espontaneamente por brasileiros.

Rodrigues e Cruz (2011) afirmam que o crescimento urbano no Brasil foi marcado pela ocupação desordenada do espaço das cidades:

Os problemas urbanos, potencializados pela existência de numerosas favelas e áreas que concentram desvantagens estruturais, são uma expressão da precariedade das condições de vida nas cidades brasileiras. As cidades brasileiras são o espelho do crescimento urbano e do desenvolvimento fragmentado (Rodrigues e Cruz, 2011, p. 24).

O processo pelo qual um indivíduo ou grupo social é confinado a uma posição inferior na sociedade é chamado de marginalização. A precarização do trabalho, a invisibilidade, a falta de vínculos sociais, a vulnerabilidade em que os marginalizados estão imersos denuncia a dificuldade de mudar esta condição. Coelho (1978) descreve que a população marginal é aquela constituída pelos que se encontram em situação de desemprego, subemprego ou pobreza.

O local de residência é uma marca imposta às pessoas consideradas como marginalizados, pois como todas as oportunidades lhes são frequentemente negadas,

não se passa diferente como o lugar em que vivem. Nos centros urbanos o preço de moradia se torna inacessível, o que faz com que a população de baixa renda seja lançada para o entorno das grandes cidades, lugares quase sempre sem acesso a serviços, como sistema sanitário e com acesso à saúde e educação também precário, bem como infraestrutura em geral.

Apesar de suas condições precárias, as favelas são bairros urbanos pulsantes, caracterizados por uma vida dinâmica e vibrante. Nestas comunidades, as ruas são frequentemente preenchidas com atividades sociais e econômicas, desde mercados locais movimentados até festividades comunitárias animadas, além de manifestações de música e projetos culturais (Ventura, 2013). No entanto, esses locais também enfrentam desafios significativos, como altos índices de violência, falta de infraestrutura adequada e acesso limitado a serviços básicos. A violência armada muitas vezes permeia a vida diária, criando uma atmosfera de vulnerabilidade para os residentes, apesar da resiliência e solidariedade que definem essas comunidades.

Santos e Ramires (2009, p. 132) citam Tuan (2005, p.251) quando este autor afirma que "A cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais", mas que durante a sua história "[...] a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos".

2.2 Aglomeração das favelas no Espírito Santo

No Espírito Santo foi consolidado o espaço industrial centralizado na aglomeração de Vitória, onde ocorreu uma notável expansão: de um lado, os estratos de maior poder econômico dispersando-se em direção à orla marítima (área do bairro nobre da Praia do Canto e arredores), e por outro lado, o contraste. As camadas de nível médio e baixo estabeleceram-se na área da Vila Rubim em direção ao bairro de Santo Antônio, e na região do bairro de Jucutuquara e arredores, composta principalmente por trabalhadores de nível médio. Contudo, nas proximidades do centro e entre esses pontos principais, emerge uma população muito carente, concentrada em aglomerados de assentamentos considerados não urbanizados: as favelas (Oliveira *et al*, 2005).

A expansão se acelerou nas décadas de 60 e 70, impulsionada pela mudança do foco econômico do Espírito Santo, como mencionado anteriormente, com a consequente extinção dos cafezais no interior do estado, o que levou milhares de famílias a migrarem para a capital. Isso resultou em um crescimento significativo da malha urbana de Vitória. A população de baixa renda ocupou áreas de manguezais e encostas de morros sem qualquer infraestrutura urbana ou condições mínimas de habitação, em locais que não oferecem um padrão mínimo de qualidade. Até 1980, o crescimento desordenado da população na capital deixou evidente que o processo de urbanização ultrapassava os limites que a própria cidade poderia suportar (Oliveira *et al*, 2005).

2.2 A violência nas favelas e reflexos na vida e na saúde dos moradores

Um dos grandes problemas atuais nas favelas tem sido a violência. Como citado, esta atinge a saúde e o cotidiano dos moradores. Estudos sobre a violência nesse cenário mostram que o crescimento de episódios de violência e seu desborde para áreas antes razoavelmente protegidas, que vêm se acumulando há décadas, transformou-o em um dos principais problemas da agenda pública (Silva, 2010).

Os moradores das favelas muitas vezes são obrigados a conviverem com a realidade criminosa e também precisam da intervenção policial para saírem dessa realidade. No entanto, as situações de confronto entre grupos criminosos e a polícia também são situações geradoras de violência e risco, o que cria um dilema na vida cotidiana desses moradores. Sobre este ponto, Silva (2010, p. 288) afirma: “é claro que estamos diante de uma inconsistência lógica, pois a prática policial costumeira é vista, ao mesmo tempo, como problema e como solução”. Silva também define que “o núcleo do conflito social passou a concentrar-se na relação entre a espiral de violência policial e criminal e as interrupções nas rotinas cotidianas, constituindo-se, assim, um círculo vicioso” (2010, p. 293).

Todo esse contexto de violência ao qual esses moradores estão inseridos, denuncia um cenário frustrante, aversivo, com marcas históricas de desigualdade que revela, por si só, uma desarmonia na sociedade, da vida cativa à violência.

A sociedade se define, dentre outros, por seu contexto geográfico e, portanto, o território contribui para materializar as relações sociais hierarquizadas (Valêncio, 2009). Consequentemente, a violência inerente ao território tem feito com que os moradores de bairros periféricos vivenciem confrontos policiais, toques de recolher, guerra entre facções que tem instaurado o medo e insegurança.

Com essas ocorrências, o comércio e as escolas são fechados como ocorreu no mês de outubro de 2023 no Complexo da Maré, na Vila Cruzeiro, e na Cidade Deus com mais de 20 mil alunos sem aula (Operações Policiais, 2023).

As respostas ofertadas por agências de segurança e governos, a arbitrariedade da ação policial e o envolvimento histórico dos aparatos policiais com o mundo do crime tornaram o contexto mais complexo, resultando em impactos que passam pela interrupção de rotinas de indivíduos e instituições (Ribeiro; Soares e Krenzinger, 2022, p. 563).

Além de ser uma das principais causas da violência letal, o tráfico de drogas afeta indistintamente a totalidade das comunidades das favelas. Como afirma Silva (2010) as favelas têm sido uma espécie de base de operações do crime violento relacionado ao consumo final de maconha e cocaína (e, mais recentemente, de crack). Afirma também que “a expansão da violência urbana parece estar umbilicalmente ligada à economia internacional da droga” (Silva, 2010, p.284).

A violência do tráfico exerce um controle opressivo sobre muitas favelas, ditando não apenas o comércio de drogas, mas também influenciando diretamente a vida dos moradores. Os traficantes frequentemente impõem suas próprias regras e normas, gerando um ambiente de medo e restrição (Muniz e Maia, 2016). Residentes muitas

vezes enfrentam escolhas difíceis entre conformidade e resistência, enquanto tentam navegar em um espaço onde a violência pode ser uma presença constante e ameaçadora.

De acordo com Silva e Heritage (2021), houve um período de 10 dias em que as escolas não puderam funcionar e as unidades de saúde ficaram fechadas por 11 dias em 2018 nas favelas da Maré. Segundo os autores, “Naquele ano, a taxa de mortes por intervenção de agentes do Estado – ou seja, o número de vítimas fatais em operações e demais ações policiais na Maré – foi de 13,7, bem superior a do município do Rio de Janeiro, que foi de 8,4” (Silva e Heritage, 2021, p.13). Em 2019 a situação foi pior, ocorreram 39 operações policiais na região, levando ao fechamento das escolas por 24 dias e das unidades de saúde por 25 dias. A taxa de fatalidades resultantes de ações policiais aumentou drasticamente para 23,4, mais que o dobro da registrada na cidade do Rio de Janeiro naquele ano, que foi de 10,9.

Além dos dados citados acima, devemos observar também a saúde mental nas favelas que é frequentemente afetada por uma complexa interação de fatores socioeconômicos e ambientais (Silva e Heritage, 2021). Os moradores enfrentam condições de vida desafiadoras, como violência urbana, falta de infraestrutura básica e acesso limitado a serviços de saúde mental adequados. O estigma e a discriminação associados à sua origem e moradia também podem exacerbá-los. São áreas onde ocorrem múltiplas violações de direitos, enquanto os residentes enfrentam opressões constantes e medos diários.

A insegurança e o medo têm feito parte do cotidiano dos moradores de bairros periféricos. Segundo Moraes (1990, p. 12)

[...] o medo é o pão cotidiano dos cidadãos. As casas não mais expõem suas fachadas românticas, pois cercam-nas muros muito altos [...]. As pessoas trafegam em seus automóveis com os vidros bem fechados para evitar abordagens perigosas em cruzamentos e semáforos e, dependendo de por onde andem à pé, sentem-se como se estivessem em plena prática da 'roleta russa' [...]. E em parte alguma há segurança.

Apesar de todos os problemas, da violência e do medo, na pesquisa com moradores das favelas da Maré, no Rio de Janeiro, no item sobre a percepção desses sobre bem-estar e qualidade de vida, 24,3% disseram estar satisfeitos ou muito satisfeitos e apenas 11,9% responderam estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos. Sobre o medo sentido no cotidiano, o maior medo representado nas respostas foi de que alguém próximo seja atingido por uma arma de fogo, seguido do medo de serem, eles próprios, alvejados. Porém, foi baixo o medo de circular pelo território. Estas respostas mostram como é complexa a relação das pessoas com suas condições de vida e como é difícil a compreensão da situação por quem não vive nas mesmas circunstâncias, o que amplia a importância de pesquisas que escutem os próprios moradores (Silva e Heritage, 2021).

Apesar dessas adversidades, a resiliência comunitária e o apoio mútuo desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar psicológico. No entanto, há uma necessidade urgente de políticas públicas que reconheçam e abordem as necessidades específicas de saúde mental dessas comunidades, visando mitigar os

impactos negativos e promover uma melhor qualidade de vida (Silva e Heritage, 2021).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa, uma abordagem apropriada para o estudo de fenômenos sociais e culturais complexos, que não podem ser facilmente quantificados, sendo também, útil para o estudo de fenômenos que envolvem subjetividade, como as emoções, as crenças e os valores (Gil, 2002), o que contempla a proposta desta pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002), tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

A coleta de dados foi feita por meio da técnica de grupo focal. Gondim (2003, p. 151) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa que “coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador”. Segundo Carlini-Cotrim (1996, p. 287), no grupo focal “os participantes são selecionados porque eles apresentam certas características em comum que estão associadas ao tópico que está sendo pesquisado através do grupo focal”, ou seja, indivíduos que convivam com o assunto a ser discutido e que tenham profundo conhecimento dos fatores que afetam os dados mais pertinentes.

Foi adotada amostragem tipo não probabilística, sendo a seleção de participantes feita por acessibilidade ou por conveniência, quando “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo” (Gil, 2008, p. 94). Para captação dos participantes, o convite foi feito em um projeto social que oferece aulas semanais de jiu-jitsu em um bairro de grande vulnerabilidade da Grande Vitória, visando a participação de 10 a 15 pessoas acima de 18 anos para a realização no grupo focal.

Foram propostos dois encontros, o primeiro na forma de uma roda de conversa livre, de forma mais ampla, tendo como tema a vida cotidiana nos bairros de moradia de cada participante. Foram preparadas três perguntas orientadoras da discussão para este encontro, que seriam utilizadas a partir das falas espontâneas do grupo sobre seu cotidiano: 1. Existem situações que lhes provocam medo? 2. Quais situações lhes provocam medo? 3. Quais as suas percepções a respeito da própria saúde física e mental? O objetivo deste encontro foi captar informações acerca da vivência, de como é a rotina de trabalho, o lazer e o social desses moradores, além de colher dados sobre se já apareceriam, de forma espontânea nos relatos, alguma situação de violência ou dos efeitos destas. O segundo encontro do grupo focal foi planejado com a apresentação de alguns mobilizadores como imagens/figuras e recortes de reportagens para os participantes escolherem para descreverem situações que aparecem da vida em seu bairro.

As falas que ocorreram nos grupos foram transcritas e a análise de dados foi feita utilizando a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011). Foram realizadas as três

fases propostas pela autora: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento e interpretação dos resultados obtidos. A interpretação dos resultados foi realizada articulando teorias da psicologia e da área da sociologia e segurança, na busca de compreensão do fenômeno.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados dois encontros do grupo focal com total de 15 participantes na faixa etária entre 19 e 43 anos, sendo cinco mulheres e 10 homens. Nem todos os participantes estiveram presentes nos dois encontros, pois no segundo dia houve uma chuva forte que inviabilizou a presença de alguns. Os grupos tiveram duração de 40 minutos, e seguiram a programação descrita acima na metodologia. A participação dos moradores nos encontros foi muito colaborativa, mostrando haver interesse no tema.

A análise das respostas permitiu a organização dos resultados em duas categorias: 1. Risco, medo e insegurança: impactos emocionais e sociais da violência no cotidiano da população e 2. Compreensão e explicações para a violência sofrida.

4.1 Risco, medo e insegurança: impactos emocionais e sociais da violência no cotidiano da população

As falas descrevem a existência de um tempo em que ainda era possível viver sem medo no bairro, o que dizem ter ficado no passado: “Conforme o tempo vai passando, eu percebo que vai ficando cada vez pior. Eu vi... antigamente eu brincava na rua o dia inteiro. Hoje eu não vejo mais crianças brincando na rua. É muito raro...”.

Eu moro aqui já algum tempo, há 13 anos. Eu mesmo, tem lugares que eu tenho receio, que eu não tenho coragem de botar meus filhos para ir. Por exemplo, meus filhos, às vezes... próximo de casa, que tem uma padaria próxima, que minha filha que está aqui, ela mesmo não vai. Por causa do movimento do tráfico de drogas intenso perto da padaria

Alguns relatam explicitamente que “Então, eu acho que são coisas que podem acontecer de uma hora para outra. Então não tem aquela segurança, obviamente...” e, ainda “Eu acho que o ir e vir dentro da comunidade é, assim, se torna complexo. Você não sente segurança. [...] Na periferia a gente fica à mercê de ser alvo de uma bala perdida, sofrer alguma represália. Então, assim, não tem esse sentido de segurança”. É possível ver aqui a confirmação do que diz Morais (1990, p. 12): “[...] o medo é o pão cotidiano dos cidadãos [...] e em parte alguma há segurança”.

Por este motivo, contam que seu cotidiano fica restrito, pois não se sentem livres e seguros para “fazer um lazer até em função do horário. Porque tem que estar dentro de casa, de portas fechadas”. Também falam do temor quando precisam ir a uma farmácia à noite comprar remédio para um filho passando mal, ou ainda para mandar

um filho ir à padaria comprar pão, pois em todas estas situações estar nas ruas poderia significar o risco de receber tiros e ser mortos.

Grande parte dos participantes relataram já terem vivido situações de risco ou de violência extrema, ainda que nem sempre diretamente consigo mesmo:

Eu também já fui vítima de bala perdida, bala perdida. Eu estava na minha casa assim, sentado, conversando e o morro estava em guerra. Apareceu um guri lá do lado e falou, perdeu, perdeu. Eu corri para dentro de casa, aí ele atirou um pegou de raspão nas minhas costas.

Éramos criança. Aí a gente ouviu um barulho. Aí vi alguma coisa cair na porta. E aí eu fui ver ela ainda estava quente, munição de pistola. Aí eu e meu irmão começamos a chorar, achando que alguém tinha morrido. A gente ficou com muito medo, a gente nem saía mais de casa. Depois a gente foi acostumando, a gente não morava aqui. A gente veio pra cá no ano 2000...

Ano passado foi logo após o treino, foi com a fulana também, o morro estava em guerra com outra comunidade. Acabou o treino, teve um tiroteio muito grande aqui, estava em ritmo constante. E a fulana não pôde ir para casa, então ela foi lá pra casa. O treino acabou por volta de 22:10. No caso teve que ficar até meia-noite para esperar apaziguar um pouco...

[...] por eu morar perto, cheguei a ver vários assassinatos perto da minha casa. Um deles foi um tempo atrás que, enfim, não vem ao caso algum ficar dando o nome. É, mas foi literalmente na porta da minha casa. Lá em casa tem um quintal grande... Basicamente mataram a pessoa. Eu não vi de perto, parecia tiro de 12. Fez muito estrago, uns 20 tiros, deram na cabeça da pessoa, massa encefálica para dentro do portão, mas enfim. Nesse dia também. O que ele falou, que tive que ficar na casa dele e tudo mais. Também rolou outro assassinado na porta da minha casa, que foi um amigo meu, que não era tão amigo mais, mas eu já brinquei com ele na rua, com essa pessoa e infelizmente, né?

Estes foram apenas alguns dos muitos relatos que emergiram na discussão entre os participantes do grupo focal realizado, mostrando a forte presença da violência na vida cotidiana de todos. Essa presença interfere de forma concreta na rotina de vida, pois quando há confronto entre forças policiais e grupos criminosos situados na comunidade, as aulas são suspensas, inclusive as do projeto social de Jiu-Jitsu, o transporte coletivo não circula pelo bairro, fazendo com que os trabalhadores tenham que sair muito mais cedo de casa para ir pegar ônibus em outros locais; pode haver, depredação de ônibus, incêndios ou até mesmo toque de recolher, o que geralmente acontece quando há óbito em algum dos grupos (policiais ou criminosos). Estas vivências convergem com o que afirmam Ribeiro; Soares e Krenzinger (2022) sobre as questões envolvidas nas ações policiais, que tornam ainda mais complexa a situação. Assim também encontramos na definição que Silva traz quando diz que “o núcleo do conflito social passou a concentrar-se na relação entre a espiral de violência policial e criminal e as interrupções nas rotinas cotidianas, constituindo-se, assim, um círculo vicioso” (Silva, p. 293, 2010).

Emocionalmente os participantes se referem principalmente ao medo e à insegurança como sentimentos sempre presentes, mas a tristeza pelas situações de morte vivenciadas também compareceu em seus relatos, assim como a sensação de abandono e desesperança. “A gente sente completamente preso dentro da

comunidade. Diferente quando a gente vê em outras áreas, assim, mais seguras, áreas mais nobres, outra realidade. A gente se sente bastante inseguro”.

O conjunto dos relatos dos participantes citados aqui mostra, ainda, que no território da presente pesquisa, diferente das favelas da Maré entrevistados na pesquisa de Silva e Heritage (2021), os moradores referem ter medo tanto de serem vítimas da violência como também de circular pela região, ao menos em horário noturno.

A comparação com a situação em outras regiões da cidade foi feita por um participante resultando na percepção de preconceito com a favela e com seus moradores:

Vamos colocar aqui na nossa região, aqui na nossa comunidade comparada com Jardim da Penha... porque todo mundo vai para Jardim da Penha. A maioria quer colocar o filho para estudar em Jardim da Penha. Por que eu não coloco na periferia? Eu acho também que não é só a questão da bandidagem, questão do crime. Eu acho que o governo que escolhe os melhores para ir para lá. Porque se os professores de lá são bons, por que que os nossos filhos não podem ir para lá? Então, quer dizer, isso não é preconceito só da polícia? Isso é dentro de partidos que é mais forte, do prefeito, de vereador... Que as pessoas olham pro lado de quem é nobre e não olham para nós. Isso é um preconceito. É um preconceito 'com nós'...

Uma das falas expressa um sentimento de fatalidade mesmo, revelando ver poucas chances de um futuro promissor para uma das crianças que vivem ali:

[...] São coisas bastante constante de quem mora em periferia. E querendo ou não é a realidade, a criança fazer até o ensino fundamental e depois se envolver com o tráfico de drogas. Coisa, assim, bastante constante. E o ciclo do morro... Posso falar é que o próprio sistema faz... faz a gente ser humano, 'sé' assim, é ... estudar, trabalhar e morte. Você nunca viu uma pessoa que é da periferia a crescer na vida, tipo, vai trabalhar a vida toda? Vai morrer? Mas é a realidade. Como se nós 'fôsse' ratos....

Tais falas parecem refletir a questão das relações sociais hierarquizadas apontadas por Valêncio (2009). Alguns, por outro lado, referem achar que são os próprios moradores da comunidade que não ajudam e não aproveitam as oportunidades para as coisas a melhorarem. Por exemplo, citam que há reclamações de o ensino na escola da comunidade ser fraco, mas também reclamam se um professor age de forma mais firme com os alunos; citam um local usado como depósito de lixo que foi pintado com grafites, mas após alguns dias estava com lixo de novo e falam do próprio projeto social do Jiu Jitsu que oferece vagas para muitos, mas não recebe tantos alunos assim como poderia, embora seja uma boa oportunidade que está disponível ali.

E todos falam de possibilidades que podem existir se houver investimentos. Citam exemplos resultantes da participação no projeto social do Jiu Jitsu que mostram que a oferta de ações de acolhimento e acompanhamento abre outros caminhos.

4.2 Compreensão e explicações para a violência sofrida

Os moradores reconhecem as quadrilhas de traficantes localizadas nas favelas como uma das fontes da violência que sofrem. O impacto dessa presença é sentido não

apenas pela coerção direta, mas também pela atmosfera de medo e insegurança que permeia a vida comunitária. Este reconhecimento sublinha a complexidade das dinâmicas sociais e de poder dentro das favelas, evidenciando a necessidade de abordagens multifacetadas para lidar com as raízes da violência e promover a segurança e o bem-estar dos residentes.

Ao mesmo tempo, a polícia também é repetidamente responsabilizada pelos perigos e insegurança que vivenciam em seu cotidiano. Os moradores são muito críticos dos frequentes episódios de violência policial, imputando os policiais de não cuidarem da proteção dos habitantes e agirem com a mesma falta de respeito dos traficantes. O preconceito também é citado aqui, quando falam da forma como a polícia aborda os moradores da favela:

Provavelmente a nossa cor influencia muito. Eu vi um policial e já veio me perguntando: 'Tem droga? Qual é o alvará? Onde foi preso?', e eu falei, 'Rapaz, eu nunca fui preso, estou vindo aqui de um curso'. Já foi logo me abordando de uma forma bem grosseira, machucando, ameaçando, eu ia ser levado. Sorte que minha tia estava no momento ali. Uma família assim, que não tem medo de falar, que faz barraco, saiu gritando, minha tia já fez barraco, saiu gritando e já falou com o celular gravando. Você morar em favela está sujeito a ser abordado assim. Mas também já tive outra oportunidade de ser abordado de forma respeitosa. Mas entendo os dois lados...

No grupo houve mais três relatos de abordagens hostis e sem motivo por parte da polícia, gerando, também, medo nos moradores, pois se tratavam de policiais armados, que usaram as armas para ameaçar os moradores durante a abordagem: "O susto que nós passamos na hora foi terrível. Foi horrível. Ver um policial apontar a arma para a cabeça dele [do marido]".

Todos falam que os confrontos entre facções criminosas e a polícia oferecem riscos e são parte importante da violência sofrida. Porém, a maioria relata entender que as ações da polícia são necessárias e que esta instituição precisa agir contra o crime, sendo os confrontos violentos resultados da resistência que as facções apresentam: "O confronto policial, ele é muito situacional... Porque se não houver resistência por parte da criminalidade, não tem necessidade do confronto. [...] se for uma operação em busca de drogas ou armas, alguma coisa assim, vai ter intervenção policial sim".

Um dos participantes diz que "O confronto com a polícia existe, mas o maior confronto aqui que a gente enfrenta hoje em dia é entre as facções criminosas", no que os demais parecem concordar. A percepção do poder dos grupos criminosos fica claro na seguinte fala: "Se caso, o policial baleiar alguém ou matar alguém eles fazem para poder responder de forma altura, eles fazem esse tipo de coisa, eles colocam fogo no ônibus, eles fecham rua. Dá toque de recolher para ninguém sair na rua e tudo mais".

A partir dessa percepção, a forma como é entendida a violência que é reportada à polícia fica algo ambígua, pois as falas indicam que os moradores por um lado concordam que a polícia precisa agir, mesmo com violência, mas, por outro, falam,

como acima, de esta mesma polícia também ser sentida como fonte de risco em função do preconceito, bem como se ser insuficiente para enfrentar a situação: “Eu acho que é certo. Só que ainda o estado precisa investir muito nessa situação, porque muitas vezes a bandidagem é maior pelo quantitativo de policiais. Isso acaba prejudicando as comunidades, de certa forma”. Silva (2010, p. 288) também define esse entendimento afirmando que “é claro que estamos diante de uma inconsistência lógica, pois a prática policial costumeira é vista, ao mesmo tempo, como problema e como solução”.

Conforme evidenciado nos relatos mencionados, as críticas ao clima de insegurança nas favelas são direcionadas tanto à presença policial quanto ao crime violento. Em relação a este último, os moradores frequentemente apontam a desigualdade de poder e os riscos envolvidos, que os impedem de enfrentar esses desafios de maneira aberta, além da necessidade de coexistência forçada no mesmo território.

Observa-se que as críticas à atuação da polícia nas favelas frequentemente destacam a preocupação com a falta de distinção entre “cidadãos de bem” e “criminosos”. Em outras palavras, os moradores frequentemente criticam não apenas a violência policial, mas especialmente a percepção de que essa violência é aplicada indiscriminadamente aos residentes das favelas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para apresentar as considerações do artigo, é necessário sintetizar alguns pontos analisados nos relatos dos moradores, buscando também, ao mesmo tempo, entender o sentido das suas falas. Paralelamente ao reconhecimento de inconformidade entre formas de vida compartilhando o mesmo território, são muito intensas as manifestações de desconforto e medo relacionadas aos constantes confrontos armados entre grupos criminosos.

Também, atribuindo um entendimento geral sobre as críticas dirigidas a violência criminal e policial é que ambas caminham na mesma direção. Não é propriamente nem o crime nem a violência que organizam o discurso crítico, mas sim, como se viu nos relatos analisados, a interferência desta forma de vida sobre o fluxo rotineiro da vida nos territórios das favelas.

Limitações desta pesquisa incluem a realização de apenas dois encontros do grupo focal, sendo que o último foi prejudicado pela ocorrência de chuvas intensas na cidade. A concentração da pesquisa em apenas uma área da cidade também pode restringir a generalização dos resultados. Contudo, o tempo limitado para a elaboração do trabalho de conclusão de curso impediu uma investigação mais ampla. Adicionalmente, houve uma intercorrência com o primeiro local que concordou em colaborar para a pesquisa, pois não respondeu aos contatos quando foi necessária a efetivação da parceria, o que obrigou a encontrar outra forma de acesso aos participantes. Apesar dessas adversidades, a metodologia empregada e o número de participantes alcançado foram suficientes para garantir a consistência da pesquisa qualitativa, corroborada pelos resultados consistentes com estudos anteriores realizados no país.

A realização desta pesquisa permitiu uma profunda imersão no cenário complexo e diversificado da violência urbana, especificamente no contexto dos moradores afetados pelo tráfico de drogas e pelos confrontos policiais. A coleta de dados em campo revelou histórias humanas vívidas e impactantes, evidenciando as nuances das interações entre comunidades, autoridades e atores criminosos. A análise das narrativas dos moradores destacou não apenas os desafios enfrentados diariamente, mas também as estratégias de resistência e adaptação desenvolvidas frente às adversidades. Este estudo destaca a necessidade premente de políticas públicas mais abrangentes e eficazes, capazes de atenuar os impactos profundos da violência urbana e fomentar a segurança e o bem-estar desses grupos vulneráveis.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Cristina Índio do. IBGE volta a usar o termo favela nas pesquisas e no Censo. **Agência Brasil**. São Paulo, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/ibge-volta-usar-o-termo-favela-em-censos-e-pesquisas#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,historicamente%20pelo%20%C3%B3rg%C3%A3o%20desde%201950>. Acesso em: 15/06/2024.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 285-93, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101996000300013>. Acesso em: 12 de jun. 2024.

COELHO, Edmundo Campos . A criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade. **Revista de Administração Pública**, v.12, n. 2, abr/jun 1978, p.139-161.

FAVELA OU COMUNIDADE: qual é o termo correto?. **Summit Mobilidade/Estado**. Rio de Janeiro, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://summitmobilidade.estadao.com.br/urbanismo/favela-ou-comunidade-qual-e-o-termo-correto/>. Acesso em: 15/06/2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Governamentalidade e mobilização da pobreza urbana no Brasil e na África do Sul: favelas e townships como atrações turísticas. In: Birman, Patrícia; Leite, Márcia Pereira; Machado, Carly; Carneiro, Sandra de Sá (Organizadoras.). **Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p.187-197. Disponível em: http://www.ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/13%202015%20Dispositivos%20urbanos_diagramacao_v3.pdf. Acesso em: 15/-6/2024.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIM, Sonia. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológico. **Paidéia**, 2003, v. 12, n. 24, p. 151, 2002. Disponível em: scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfK7qKQRF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05. dez. 2023.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MUNIZ, Victor; MAIA, Ruhani. **Moradores reféns do tráfico em 126 bairros**. A Gazeta, 2016. Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170105_aj25425_drogas_trafico.pdf Acesso em: 21/06/2024.

OPERAÇÕES POLICIAIS deixam mais de 20 mil alunos sem aulas no Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/10/09/operacoes-policiais-deixam-mais-de-21-mil-alunos-sem-aulas-no-rio.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2023.

OLIVEIRA, Eldon Gramlich; MOREIRA, Georgia Xavier; LYRA, Regina De Marchi. Caracterização das ocupações desordenadas nos municípios de Vitória e Vila Velha - ES: um estudo das favelas e loteamentos irregulares. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Ordenamientoterritorial/34.pdf>. Acesso em: 20/06/2024.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da favela. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 33-48, nov. 2011, 2011. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/651>. Acesso em: 05 jun. 2024

RIBEIRO, Luiz.; SOARES, Eduardo.; e KREZNINGER Miriam. Tipos de governança criminal: Estudo comparativo a partir dos casos da Maré Dilemas, **Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** – Rio de Janeiro – Edição Especial no 4 – 2022 – pp. 559-588. Disponível em: scielo.br/j/dilemas/a/hrVDFTTrYck5zBF9P8dxP9tt/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 de junho 2024.

RODRIGUES, Márcia Barros F.; CRUZ, Deivison Souza. Políticas públicas e gestão urbana: o caso da região metropolitana da Grande Vitória no estado do Espírito Santo. **Dimensões**, v.27, 2011, p. 23-39. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2581/2077>. Acesso em 15/06/2024.

SANTOS, Marcia. RAMIRES, Júlio. Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas. **Sociedade & Natureza**. v. 21, n. 1, p. 131-145, abr. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sn/a/bXmSvdjqbsGfmHK9hNPCnmt/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 17 jun. 2024

SILVA, Luiz Antônio Machado da. “Violência urbana”, Segurança pública e favelas - O Caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH**, v. 23, n. 59, p. 283-300, mai 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/GKPh5kRxjqKDHpWjYdPn3pn/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 17 jun. 2024

SILVA, Eliana, HERITAGE, Paul. Construindo Pontes - **Uma investigação sobre saúde mental, violência, cultura e resiliência na Maré**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:
https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2021/08/BOLETIM_PESQUISA_CONST_PONTES_AGO21.pdf.
Acesso em: 17 jun. 2024

VALÊNCIO, Norma. Da ‘área de risco’ ao abrigo temporário: uma análise dos conflitos subjacentes a uma territorialidade precária. In: VALÊNCIO, Norma et al. (Org). **Sociologia dos desastres**. Construção, interfaces, e perspectivas no Brasil. São Carlos: RiMa Editora. 2023.
VENTURA, Mauro. **O mapa da cultura na favela**. 2013. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/cultura/o-mapa-da-cultura-na-favela-7489814>. Acesso em: 20/06/2024.